

para a sociedade. Daí, a tolerância do regime em relação aos artistas ligados à Jovem Guarda. A professora Patrícia Marcondes de Barros retoma as discussões acerca da tropicália enquanto movimento (contra) cultural e analisa as definições e críticas que esse movimento sofria tanto da direita como, principalmente, da esquerda que possuía uma visão de cultura voltada para a conscientização e mobilização das massas. Esses dois trabalhos se complementam em vários aspectos e servem também como um contraponto para as reflexões que fazemos sobre a cultura brasileira dos anos 60.

O trabalho da professora Carmem Lúcia Gomes de Salis versa sobre os projetos de reforma agrária que estavam sendo debatidos nas décadas de 50 e 60. Para a esquerda, a reforma agrária fazia parte de um projeto mais amplo que conduziria a uma revolução socialista; para a direita, a reforma deveria visar à criação de estruturas capitalistas no campo, modernizando as relações econômicas e sociais na zona rural. Ao final, os militares acabaram contribuindo para consolidar uma estrutura fundiária que privilegiava a grande propriedade concentrada nas mãos de poucos. No artigo do professor Ângelo Barreiro, encontramos uma breve análise do posicionamento da Igreja Católica diante do golpe. De simpatizante (bastante) entusiástica, as principais lideranças da Igreja passaram, gradativamente, para as fileiras da resistência à ditadura, tornando-se crucial nesse processo. Por fim, no último trabalho desta revista, procuro analisar os elementos doutrinários e ideológicos dos militares ao longo de nossa história republicana e como essas idéias foram colocadas em prática e depois tiveram que ser abandonadas pelo pragmatismo político exigido pela nossa realidade. Esse, talvez, tenha sido um dos motivos que levaram o regime militar a ter um final tão melancólico, cujo maior símbolo foi a figura do general João Baptista de Oliveira Figueiredo.

A experiência histórica não pode oferecer a resposta para todas as dúvidas quanto ao nosso presente e nem indicar um caminho seguro em direção ao futuro. Ela deve servir tão somente para compreender o nosso passado e estabelecer as suas relações com o presente, dando um sentido coerente (e nem sempre agradável) para a nossa realidade política e social - especialmente numa época condenada a viver num eterno presente.

Heiji Tanaka
Editor